



## DOSSIÊ

# História em Quarentena: propostas para uma história pública em tempos de pandemia

*História em Quarentena: proposals for a public history in times of pandemic*

*História em Quarentena: propuestas para una historia pública en tiempos de pandemia*

**Carlos Benítez Trinidad<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4731-8599](https://orcid.org/0000-0002-4731-8599)  
[carlos.bt.86@gmail.com](mailto:carlos.bt.86@gmail.com)

**Paulo César Gomes<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-8538-0107](https://orcid.org/0000-0002-8538-0107)  
[pcgomesb@gmail.com](mailto:pcgomesb@gmail.com)

**Recebido em:** 31 ago. 2020.

**Aprovado em:** 24 mar. 2021.

**Publicado em:** 31 ago. 2021.

**Resumo:** História em Quarentena foi um projeto de história pública elaborado com o intuito de lidar com as incertezas geradas pela crise sanitária decorrentes da pandemia da COVID-19, propondo refletir sobre temas ligados à divulgação do conhecimento histórico. A partir dos parâmetros teórico-metodológicos da história pública, este artigo analisa as principais diretrizes que balizaram o projeto História em Quarentena, além de narrar o seu desenvolvimento e avaliar os seus resultados. Nessa discussão, ganham especial relevância a percepção de sucesso e fracasso, a importância da história pública como ferramenta para ampliar a inserção do conhecimento histórico na esfera pública em momentos de crise e, também, os desafios de construir um empreendimento dessa natureza diante das dificuldades criadas pela pandemia. As transformações da proposta inicial do projeto, ocorridas ao longo de seu desenvolvimento, podem funcionar como uma chave de compreensão sobre os obstáculos que a história pública enfrenta para atrair um público amplo. Indica-se, ainda, a necessidade de os historiadores estarem atentos às questões postas pelo presente para facilitar o estabelecimento de diálogos com a sociedade, evitando que as produções historiográficas circulem apenas entre seus pares.

**Palavras-chave:** História em Quarentena. História pública. Brasil. COVID-19. Pandemia.

**Abstract:** História em Quarentena was a public history project designed to deal with the uncertainties generated by the health crisis resulting from the pandemic of covid-19, proposing to reflect on issues related to the dissemination of historical knowledge. Based on the theoretical-methodological parameters of public history, this article analyzes the main guidelines that marked the História em Quarentena project, in addition to narrating its development and evaluating its results. In this discussion, the perception of success and failure, the importance of public history as a tool to expand the insertion of historical knowledge in the public sphere in times of crisis, and also the challenges of developing such an enterprise in the face of the difficulties created by the pandemic, gain special relevance. The transformations of the initial proposal of the project, which occurred during its development, can act as a key to understand the difficulties that public history has in attracting a wide audience. It is also indicated the need for historians to be careful about the questions posed by the present to facilitate the establishment of dialogues with the society, preventing historiographic productions from circulating only among their equals.

**Keywords:** História em Quarentena. Public history. Brazil. COVID-19. Pandemic.

**Resumen:** História em Quarentena fue un proyecto de historia pública diseñado para abordar las incertidumbres generadas por la crisis de salud derivada de la pandemia del covid-19, proponiendo reflexionar sobre temas relacionados con la difusión del conocimiento histórico. A partir de los parámetros teórico-metodológicos de la historia pública, este artículo analiza los principales lineamientos



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidad de Santiago de Compostela (USC), Santiago, Galicia, Espanha; Universidade Nova de Lisboa (UNL), Lisboa, Portugal.

<sup>2</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

que marcaron el proyecto *História em Quarentena*, además de narrar su desarrollo y evaluar sus resultados. En esta discusión, la percepción de éxito y fracaso, la importancia de la historia pública como herramienta para expandir la inserción del conocimiento histórico en la esfera pública en tiempos de crisis, y también los desafíos de desarrollar tal emprendimiento frente a las dificultades, creados por la pandemia, adquieren especial relevancia. Las transformaciones de la propuesta inicial del proyecto, ocurridas durante su desarrollo, pueden actuar como clave para comprender las dificultades que tiene la historia pública para atraer a un público amplio. También se indica la necesidad de que los historiadores tengan cuidado con las cuestiones que plantea el presente para facilitar el establecimiento de diálogos con la sociedad, evitando que las producciones historiográficas circulen solo entre sus iguales.

**Palabras clave:** História em quarentena. Historia pública. Brasil. COVID-19. Pandemia.

## Introdução

A partir dos primeiros meses de 2020, os debates acerca da história pública<sup>3</sup> foram tangenciados por alguns eixos em comum. A pandemia desencadeada pelo coronavírus, bem como as suas inevitáveis consequências, evidenciaram que a história – como campo disciplinar capaz de oferecer ferramentas interpretativas e chaves explicativas baseadas no conhecimento científico do passado – deveria conquistar e manter um papel protagonista nas principais temáticas que vêm sendo discutidas ao redor do mundo nos últimos anos. Além disso, uma parcela significativa dos historiadores profissionais se deu conta da necessidade de ocupar mais espaço na esfera pública,<sup>4</sup> sobretudo nas novas mídias sociais na internet. Estas, em um primeiro momento, não foram vistas pelos acadêmicos, salvo raras exceções, como ferramentas eficazes para a difusão do conhecimento histórico. Aparentemente, grande parte dos historiadores não estava disposta a marcar presença nesses veículos, fosse por preconceito ou mesmo por desconhecimento acerca de suas potencialidades.

Esse afastamento acabou fazendo com que questões fundamentais do século XXI, tais como o estado de emergência climática, a multipolaridade

geopolítica, a memória colonial, os feminismos e os estudos de gênero, por exemplo, que estavam sendo amplamente debatidas na esfera pública, carecessem de análises especializadas de cunho histórico. Essas análises estavam sendo desenvolvidas por historiadores quase que exclusivamente dentro dos muros universitários. Tal cenário mudou abruptamente com a crise sanitária provocada pela pandemia. A interrupção repentina, embora não sincronizada, de uma porção considerável das atividades cotidianas e a imposição do afastamento social em todo o mundo, obrigaram os historiadores a lidar com uma realidade profissional inédita, para além das demais dificuldades vividas por toda a população mundial.

Em razão da força e da velocidade do impacto da pandemia, logo surgiu a percepção de alguns analistas de que a Covid-19 foi responsável por um dos mais significativos eventos globais da história da humanidade (KEATING, 2020; HAN, 2020). Mesmo que a afirmação pareça algo exagerada, é possível assegurar que ao menos desde o período moderno, quando o mundo começou a se configurar da forma como o conhecemos, nunca havíamos experienciado um fenômeno que tenha atingido todo o planeta, ainda que de maneiras desiguais. Sem dúvida, esta heterogeneidade foi determinada pelas repostas políticas de cada país diante da crise sanitária (BERTONI, 2020).

Tradicionalmente, a história é evocada para legitimar posicionamentos nas mais diversas áreas do conhecimento humano em seus múltiplos matizes ideológicos, sendo muitas vezes instrumentalizada politicamente para corroborar práticas autoritárias (CALDEIRA NETO, 2009). Os exemplos são muitos, mesmo se consideramos apenas as primeiras décadas do século XXI. O caso do Brasil é emblemático. Desde que o relatório da Comissão Nacional da Verdade veio a público, em dezembro de 2014, grupos de extrema direita buscam atribuir sentidos positivos para as violações aos direitos humanos come-

<sup>3</sup> Este artigo tem como objetivo discutir genuinamente os desafios enfrentados pelo projeto *História em Quarentena*. Apesar de se enquadrar no processo de renovação em curso no campo da história pública, não se pretende dar um quadro detalhado da situação atual nesse campo. Para mergulhar nos avanços mais recentes, se recomenda ler Malerba (2017); Santhiago (2018); Silveira (2020) e Carvalho (2020).

<sup>4</sup> O conceito de "público" não pode ser compreendido de maneira universalizante. (SCHITTINO, 2015). No caso específico do Brasil, é necessário levar em conta a noção de patrimonialismo para se falar de esfera pública a partir de uma perspectiva histórica (CAMPANTE, 2019).

tidas pela ditadura militar. Com a chegada de Bolsonaro ao poder, a história da ditadura vem sendo constantemente distorcida e falseada por autoridades governamentais, havendo mesmo apologias explícitas ao arbítrio. Sem dúvida, essa operação busca justificar políticas autoritárias e violências cometidas pelo Estado no presente (HARTOG; REVEL, 2001). Em contrapartida, as discussões feitas a partir da perspectiva da disciplina histórica com o intuito de fundamentar posições críticas diante do passado vinham sendo realizadas em espaços muito restritos. Embora a história, no sentido de construções narrativas sobre o passado, seja um bem público e possa ser acessada por todos, mesmo que de formas díspares, o conhecimento histórico confiável produzido por especialistas acaba tendo uma circulação muito limitada.

Claro que o desencadeamento do interesse dos historiadores por divulgar suas produções para um público mais amplo não se deve apenas à pandemia. Diferentes temporalidades marcaram a inserção da história pública nos diversos países. No Brasil, mesmo que essas preocupações sejam recentes, a primeira publicação de maior alcance sobre história pública já possui quase uma década (ALMEIDA; ROVAI, 2011). Nessa curta temporalidade, o fortalecimento de movimentos conservadores, sempre presentes na sociedade brasileira, e o surgimento de grupos de extrema direita, especialmente a partir de 2013, representaram uma mudança brusca no processo histórico do país. Os discursos de caráter negacionista colocaram em xeque décadas de produção historiográfica reconhecida internacionalmente por sua qualidade, deixando grande parte dos historiadores brasileiros atordoada. A partir desse momento, em uma velocidade inesperada, diversos projetos de história pública começaram a ser criados, assim como ocorreu um aumento de publicações, eventos e mesmo de disciplinas acadêmicas sobre o tema (CARVALHO; TEIXEIRA, 2019). Decerto essa mobilização foi resultado dos questionamentos que os historiadores passaram a propor, sem desconsiderar as contribuições de outras áreas para o fortalecimento das de-

núncias e do combate ao negacionismo e aos autoritarismos. Nesse sentido, o papel exercido pela imprensa vem sendo de grande importância. Afinal, qual seria a responsabilidade da disciplina histórica e de seus especialistas na proliferação de mitos, distorções e falseamentos sobre o passado? Criou-se uma sensação coletiva de fracasso, que ainda vigora.

O ano de 2020, no entanto, expôs de maneira atroz não apenas a permanente distância entre as instituições universitárias e os demais cidadãos, mas também a imensa defasagem de conhecimento dos historiadores acerca das ferramentas digitais. Desde o período da redemocratização, com a extinção dos órgãos oficiais de censura, poucos historiadores acadêmicos ocuparam espaços a partir dos quais pudessem pautar o debate público. Por que isso aconteceu? As razões não são simples. No entanto, é preciso compreender a história da disciplina histórica no Brasil, sobretudo a criação e a consolidação de programas de pós-graduação a partir da segunda metade do século XX (FICO; POLITO, 1992), para vislumbrar as causas do distanciamento entre os historiadores acadêmicos e a sociedade. Os levantamentos feitos sobre a produção historiográfica brasileira das últimas décadas também elucidam as inquietações que moveram as pesquisas realizadas nesse período. A preocupação com a divulgação científica, um campo já bastante consolidado nas ciências exatas e biológicas, é, como vimos, bastante recente entre os historiadores. A demanda pública por história foi suprida durante todo esse tempo – e ainda é – por profissionais de outras áreas do conhecimento, com grande destaque para os jornalistas. Há indícios de que esse cenário começa a se modificar. No entanto, não há dúvidas de que continuamos a dialogar principalmente com nossos pares (LUCCHESI; SILVEIRA; NICODEMO, 2020, p. 169).

A produção narrativa acadêmica, tradicionalmente marcada por certo hermetismo, é, em grande medida, responsável pelo afastamento do público mais amplo. No senso comum, o adjetivo "acadêmico" é habitualmente associado a algo que é inacessível ou mesmo entediante.

Certamente, é necessário considerar a enorme desigualdade social brasileira, que provoca um grave déficit educacional na população. Contudo, a produção historiográfica não é acessada nem mesmo pelos grupos sociais com maior índice de letramento. Dito de outro modo, os historiadores, com raras exceções, não estão entre os chamados "formadores de opinião". A situação se agrava se incluirmos nessa categoria os *influencers* das redes sociais (PIANTÁ; TERRES, 2020).

Essas questões, sem dúvida, vêm nos estimulando a repensar a divulgação do conhecimento histórico, uma das vertentes no amplo campo de possibilidades da história pública. Se no Brasil, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, a história pública ainda não representa uma opção profissional no mercado de trabalho desvinculado da academia, ela aponta para uma direção muito fértil, embora ainda se concentre no plano discursivo e em projetos que raras vezes são financeiramente autossustentáveis. É possível que a recente regulamentação profissional dos historiadores contribua para modificar esse cenário (CARVALHO, 2020).

Nesse sentido, a conjunção dessas problemáticas com a escalada global do autoritarismo, com ênfase no governo brasileiro, liderado pelo primeiro presidente de extrema direita eleito democraticamente no país, e, ainda, o desencadeamento da crise mundial provocada pela pandemia, estimulou um grupo de historiadores de diversos países a elaborar o projeto História em Quarentena. Este foi pensado, desde os primeiros momentos, como uma iniciativa de história pública para ser divulgada por meio de ferramentas digitais, adaptando-se, portanto, às restrições impostas pelo afastamento social.

Este artigo tem como objetivo analisar os fundamentos do projeto, que teve como diretriz central a necessidade de ampliar os espaços ocupados por debates de temas históricos. A ideia foi aproximar as pessoas em torno de interesses comuns e desenvolver atividades de divulgação histórica, mas também do conhecimento proveniente de outras ciências humanas e sociais. As possibilidades oferecidas pelas mídias digitais

favoreceram, sem dúvida, o intuito de reforçar o sentido de coletividade, diretamente atingido pela necessidade do confinamento.

O curto espaço de tempo entre a formulação do projeto e o início de seu desenvolvimento fez com que o História em Quarentena tenha surgido de modo improvisado. Portanto, os formatos de divulgação adotados pelos coordenadores foram sendo modificados ao longo de toda a sua duração. O caráter experimental foi um aspecto que esteve sempre presente. De todo modo, o empreendimento foi pensado especificamente para a conjuntura da pandemia. Sendo que essa perspectiva esteve subjacente ao projeto em todos os momentos, ou seja, a proposta, desde seus primeiros esboços, já previa o seu término, mesmo que não se soubesse quando isso ocorreria, pois a intenção era acompanhar o tempo da pandemia, o que, como veremos, acabou não acontecendo.

Durante 20 semanas, entre 23 de março e 9 de agosto, o História em Quarentena produziu conteúdos audiovisuais para serem difundidos em formato digital por meio de redes sociais. A estratégia central foi criar espaços de discussão entre especialistas de diversas áreas do conhecimento e o público em geral.

Na primeira parte deste artigo, buscamos estabelecer relações entre o História em Quarentena e o panorama atual das discussões teóricas e metodológicas da história pública. A finalidade é demonstrar de que modo os pressupostos do amplo campo da história pública foram essenciais para fundamentar as reflexões críticas que contribuíram para balizar o projeto. Da mesma forma, pretendemos evidenciar a importância de observar outras experiências de história pública para formatar o História em Quarentena, na tentativa de torná-lo uma iniciativa exitosa, considerando tanto os parâmetros acadêmicos quanto o alcance e o engajamento do público. Em contrapartida, essa análise também permite identificar as fragilidades do projeto e os obstáculos encontrados ao longo de seu desenvolvimento, tais como as dificuldades de comunicação dos historiadores com um público que não seja composto apenas de seus próprios pares. Ao mesmo

tempo, é possível apontar a necessidade de se incentivar o estabelecimento de diálogos com a sociedade acerca de questões históricas que lhe afetam diretamente.

Em seguida, faremos uma análise detalhada do projeto História em Quarentena. Abordaremos a maneira como ocorreu a articulação entre os coordenadores, a definição das temáticas de cada semana, a escolha dos formatos de divulgação, a organização dos programas, a busca por especialistas e a criação do *site*, que servirá como repositório de todo material produzido.

Ao elaborar uma narrativa sobre o História em Quarentena, uma proposta de história pública que ocorreu de maneira intensa e concentrada, abre-se a possibilidade de examinar a grande quantidade de material de divulgação produzida ao longo de 20 semanas. Além disso, cria-se um espaço para tecer reflexões sobre as especificidades de um projeto que, ao lado de outros da mesma natureza, está intrinsecamente ligado ao contexto da pandemia do COVID-19. Conforme iremos sustentar neste texto, algumas modificações estabelecidas na conjuntura atual no que tange a produção e a divulgação da história devem se tornar permanentes. Ao que tudo indica, o mundo tal como o conhecíamos não voltará a ser o mesmo, ainda que não se possa prever de que forma a nova realidade irá se estabilizar (HAN, 2020; ZIZEK, 2020).

### História em Quarentena: uma iniciativa de história pública para lidar com a pandemia

As reflexões que deram origem ao História em Quarentena estão ligadas à trajetória e às experiências dos historiadores que esboçaram e começaram a desenvolver o projeto, bem como aqueles que foram se incorporando ao longo das primeiras semanas em que ele passou a ir ao ar. A urgência de lidar com a incerteza e o medo estimularam a criação do empreendi-

mento. Essa perspectiva se traduziu na ideia de abrir os espaços privados, criando convivência diante da solidão do confinamento, da pandemia e do caos político. Para isso, o processo lógico levou a pensar que o uso de ferramentas digitais, que inundam nosso cotidiano, poderia ajudar na divulgação das perspectivas de acadêmicos, ativistas, artistas e políticos que estão analisando, refletindo e propondo respostas à crise política e sanitária que o mundo atravessa em 2020.

É preciso ressaltar que a COVID-19 atingiu o Brasil em um dos momentos mais complicados de sua história recente. O país é governado por um presidente de extrema direita eleito democraticamente. A sua administração é marcada pelo descaso com suas funções, pelo enfrentamento do aparato administrativo, legislativo e judicial. Além disso, Jair Bolsonaro está acuado por variadas denúncias de corrupção, nepotismo, abuso de autoridade, crimes ambientais e ligações com grupos paramilitares.<sup>5</sup> Isso tem levado o maior país da América Latina a viver um dos piores anos de sua história, não apenas em relação à saúde pública, mas também pelo aumento da precariedade, da pobreza e da marginalização decorrentes de uma crise econômica mal gerida (ARROYO, 2020).

#### Começo e formulação do projeto

Resolvemos criar um projeto que, 'aproveitando' o confinamento, abrisse um pouquinho os espaços privados, a intimidade das pessoas, e também aproveitando a tecnologia, as novas formas de comunicação etc. Então, falando sobre os diferentes tipos de formato, diferentes projetos de divulgação de história, aproveitando essa conjuntura, foi que começamos a pensar o que hoje é o História em Quarentena.<sup>6</sup>

O História em Quarentena teve sua origem em uma série de discussões informais entre os historiadores Carlos Benítez Trinidad e Paulo César Gomes. Ambos já tinham experiência na coordenação de projetos de criação e divulgação de conhecimento, e partilhavam preocupações e

<sup>5</sup> Para acompanhar a atuação do governo Bolsonaro em 2020 em tempo real, recomenda-se consultar a seção do *site* de notícias UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/governo-bolsonaro//index.htm>. Acesso em: 15 ago. 2020. Há também a seção Notícias sobre o coronavírus e a crise política no Brasil do jornal *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-28/ao-vivo-noticias-sobre-o-coronavirus-e-a-crise-politica-no-brasil.html>. Acesso em: 15 ago. 2020.

<sup>6</sup> SPOTIFY: História em Quarentena. [Locução del: Carlos Benítez Trinidad. [S. l.]: Conversa de boteco, 19 mar. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/782ex2abhAGfvFXy1REtKU>. Acesso em: 3 ago. 2020.

problematizações semelhantes sobre o alcance e os formatos da história pública e da difusão do conhecimento histórico. Essas discussões, que começaram em Lisboa em fevereiro de 2020 e continuaram no Rio de Janeiro em março, foram abruptamente interrompidas pelo rápido progresso da crise do coronavírus. Diante dessa situação, como os confinamentos sociais que estavam sendo implementados em países como a Itália ou a Espanha,<sup>7</sup> em 16 de março de 2020 decidiram traçar um projeto de história pública pensado especificamente para o confinamento que se aproximava da realidade brasileira. Em conversas rápidas, surgiu a ideia de realizar programas diários com temáticas semanais que pudessem fornecer conteúdo para o período do confinamento. Por essa razão, escolheram o título História em Quarentena para o projeto.

O formato que inspirou o História em Quarentena foi o das *Jornadas Virtuales de Historia de América* (JVHA), lançadas algumas semanas antes na Espanha por historiadores especializados na América Latina.<sup>8</sup> Esse projeto foi fundamental para mostrar as potencialidades do formato ao vivo do Facebook,<sup>9</sup> pois, com apenas um perfil na rede social e uma *webcam*, uma pessoa poderia fazer emissões de sua própria casa para os assistentes do evento. Também foi instigante o fato dessa pessoa poder conversar em tempo real com os participantes, esclarecendo dúvidas ou aprofundando análises e conceitos.

Em contrapartida, o programa forneceu as chaves críticas para melhor definir o formato do

História em Quarentena. Na JVHA, cada participante apresentava seu projeto de pesquisa em um formato acadêmico, transferindo diretamente a discussão para o ambiente digital, sem alterações. Eram utilizados os mesmos protocolos, língua e códigos. A forma tradicional de difusão do conhecimento histórico que se pretendia desconstruir era replicada. Portanto, entendeu-se que a proposta da JVHA era nova no suporte, mas não no formato, pois não representava um avanço significativo nas preocupações que se pretendia resolver.

Dai surgiram ideias como convidar não apenas historiadores, mas também outros cientistas sociais, ativistas, políticos, artistas etc., além de valorizar discussões que iam além da própria pesquisa pessoal, e trabalhar no diálogo sobre temas específicos que pudessem servir para analisar a realidade brasileira, latino-americana e mundial a partir do conhecimento histórico.

E foi então que a gente pensou: vamos tentar misturar, fazer algumas *lives* no Facebook, já que permitem a interação do público, e, também, debates, que envolvam não só historiadores, mas também vários outros profissionais, abrindo a possibilidade de discutirem entre si.<sup>10</sup>

A primeira semana foi prototípica, já que o projeto foi lançado no dia 21 de março e na segunda-feira, dia 23, realizou-se a primeira transmissão ao vivo. Essa urgência foi motivada pelo pioneirismo do projeto e pela própria necessidade de criar uma rede de pessoas em contato contínuo diante de uma situação tão difícil. Tratava-se da temática

<sup>7</sup> Para um monitoramento abrangente da pandemia mundial, recomenda-se consultar a seção da BBC dedicada ao tema. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/coronavirus>. Acesso em: 10 ago. 2020. Para informações sobre o Brasil, consultar a central de notícias do UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/coronavirus>. Acesso em: 10 ago. 2020. Para acessar os dados de saúde, consulte o site do Coronavirus Resource Center da Johns Hopkins University. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu>. Acesso em: 10 ago. 2020.

<sup>8</sup> A JVHA foi criada "para tornar o confinamento mais suportável e continuar trabalhando no campo da pesquisa, que tanto nos apaixonava. Enquanto durar o alerta de saúde na Espanha, serão realizadas as Jornadas Virtuais de História da América todos os dias às 18h (GMT + 1). Através do Facebook Live, um pesquisador dará uma conferência de no máximo 20 minutos, seguida de uma rodada de perguntas que serão facilitadas por este mesmo meio, para que, desta forma, continuemos com a disseminação do conhecimento" [tradução do autor]. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/13598783179600>. Acesso em: 10 ago. 2020.

<sup>9</sup> As transmissões ao vivo têm se mostrado uma das ferramentas de criação audiovisual que mais gera resposta, engajamento e interação entre os criadores de conteúdo e os seus seguidores. Hoje eles dominam a cena dos videogames quase que completamente (HAMILTON; GARRETSON; KERNE, 2014) e, nos últimos anos, acabou sendo o instrumento essencial usado por influenciadores e personagens da mídia. Isso porque as transmissões ao vivo oferecem interação e sociabilidade em tempo real que, dependendo da capacidade de criar conteúdo envolvente, aumenta a intimidade e a conexão entre o locutor e seu público (HAIMSON; TANG, 2017). Algo que não escapou da grande mídia e que vem sendo experimentado, com mais ou menos sucesso, desde que o Facebook introduziu essa função em 2016 (ESTEBAN; CALERO, 2017). É possível observar também o potencial educacional da ferramenta (JOHNSON; THOMAS; FISHMAN, 2018). Para uma análise da operação e, acima de tudo, para entender como as transmissões ao vivo do Facebook eram percebidas criticamente pelas ciências da comunicação em tempos pré-COVID-19, ver (RAMAN; TYSON; SASTRY, 2018; SHEFFIELD, 2018).

<sup>10</sup> SPOTIFY: História em Quarentena. [Locução de]: Paulo César Gomes. [S. l.]: Conversa de boteco, 19 mar. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/782ex2abhAGfvFXy1REtKU>. Acesso em: 3 ago. 2020.

"História de doenças, epidemias e pandemias"<sup>11</sup> e, embora tenha sido bem recebida, a necessidade de improvisação trouxe alguns elementos, como a intervenção de Camillo Robertini,<sup>12</sup> que fez sua fala fora do tema principal. Essa primeira semana foi fundamental para estabelecer os precedentes do que se buscava com o projeto, tanto com relação a sua operacionalidade como quanto à comprovação de que o projeto seria viável.

Uma das principais características do História em Quarentena foi a concentração de conteúdos semanais, tendo-se decidido realizar transmissões ao vivo às segundas, terças e quartas-feiras e transmitir um debate moderado e pré-gravado via Skype às quintas-feiras. A quantidade de material produzido foi baseada na percepção inicial de que o confinamento seria breve, mas intenso; ou seja, na necessidade de distanciamento físico seria temporariamente curta, no máximo um mês e meio, mas teria um sério impacto psicossocial na população. O História em Quarentena pretendia ocupar aquele tempo "livre" com discussões que ajudassem as pessoas a refletirem sobre a difícil realidade da pandemia com todos os elementos epistemológicos e reflexivos possíveis.

Esse formato original, como será discutido adiante, foi alterado com o tempo. Pois, já em sua fase final, acompanhando o desgaste do formato e o esgotamento da equipe, outras formas de divulgação foram exploradas. Sendo assim, essas mesmas transmissões que deram vida ao projeto foram perdendo espaço diante do formato de debates e entrevistas.

Já no decorrer dos primeiros dias, Lucas Pedretti passou a fazer parte da coordenação, sendo um pesquisador bem conectado que incorporou sua extensa rede de contatos, seu conhecimento de redes sociais como o Twitter e, principalmente, sua capacidade de falar em público e de moderar debates. Pensou-se que seria essencial determinar um rosto visível, reconhecível e recorrente

que representasse o projeto nos debates, criando uma personalidade referencial para o projeto. Por isso, Pedretti foi escolhido como mediador oficial dos debates.

Desde o fim do ano passado, eu estava meio angustiado, pensando em algum projeto de divulgação científica ou de história pública – *podcast*, textos de divulgação, portal ou página nas redes sociais. Então, o convite veio na hora perfeita, porque se encaixou direitinho com essa angústia prévia. Confesso que fiquei feliz, mas meio surpreso e ansioso com o convite para ser especificamente o debatedor. Porque uma das minhas dificuldades com a ideia de história pública/divulgação científica sempre foi certo receio de gerar uma confusão entre o papel do historiador público e o indivíduo, a pessoa que toca o projeto. Ou seja, a ideia de ser de certa maneira a "cara" do projeto nos debates me deixou meio ansioso no início, mas como o projeto tinha uma pegada muito coletiva apesar disso, eu achei o máximo.<sup>13</sup>

Vendo que o História em Quarentena estava crescendo e precisando de uma base mais ampla de pessoas para coordená-lo, durante a segunda semana, a historiadora Mélanie Toulhoat foi convidada a integrar o projeto. Vice-presidente da Associação pela pesquisa do Brasil na Europa (ARBRE em francês)<sup>14</sup> na França, ela é uma pesquisadora muito comprometida com a dimensão social da história. Essa mesma dinâmica levou, na terceira semana, a convidar Natália Guerellus para coordenar o projeto após sua participação como palestrante.<sup>15</sup> Foram assim forjadas as características que o projeto iria consolidar com o tempo. Houve, desde os primeiros momentos, uma sinergia entre os integrantes do grupo, estimulada pelo confinamento, pela vontade coletiva, pelo interesse em fomentar e fortalecer redes e, acima de tudo, por uma profunda convicção da importância de se fazer história pública diante de uma situação tão trágica.

Em seguida à apresentação, fui convidada para participar da coordenação, pois o trabalho era imenso. Confesso que foi difícil decidir, pois meu contexto de confinamento foi muito

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana1>. Acesso em: 10 ago. 2020.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://youtu.be/rvpyO8rCNnY>. Acesso em: 10 ago. 2020.

<sup>13</sup> SPOTIFY: História em Quarentena. [Locução de]: Lucas Pedretti. [S. l.]: *Conversa de boteco*, 19 mar. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/782ex2abhAGfvFXy1REtKU>. Acesso em: 3 ago. 2020.

<sup>14</sup> Association pour la Recherche sur le Brésil em Europe.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://youtu.be/uZAjDwnQvBw>. Acesso em: 12 ago. 2020.

particular: eu cuidava da minha filha de dois anos todos os dias o dia todo, pois a creche fechou e meu marido teve que continuar indo ao trabalho. À noite, ele tomava a frente e eu preparava as aulas da faculdade a serem enviadas pela plataforma que usamos aqui. Depois disso, eu já estava muito cansada. Mas o projeto do História em Quarentena era incrível, estava crescendo, expandindo do Facebook para o Youtube. Quando aceitei o convite para coordenar o História em Quarentena, iniciamos o *podcast*, criamos um perfil no Instagram e uma conta no Twitter, além do site pago com *crowdfunding*. Em quase cinco meses de trabalho voluntário, fizemos o que financiamentos europeus demoram anos para fazer em termos de projetos universitários. Aprendi a gravar e montar *podcast*, a fazer legenda, pratiquei minhas traduções do francês e do inglês, tive a oportunidade de dialogar com pessoas que admiro muito. O História em Quarentena foi, para mim, uma escola no estilo "intensivão"; me formei em vários aspectos digitais e aprendi a olhar para a nossa disciplina de um modo muito mais crítico, consciente e ousado.<sup>16</sup>

### Problemáticas e desafios

A mesma espontaneidade que dera vida ao projeto e que caracterizava sua originalidade em relação a outros já consolidados, em poucas semanas se tornou uma desvantagem. A necessidade de uma programação contínua com muito conteúdo se aliou à falta de comunicação consensual e a certas divergências no grupo; ou seja, as semanas exigiam um enorme trabalho de coordenação, contato e organização, o que acabou dificultando a capacidade de diálogo. O resultado foi o surgimento de alguns conflitos entre pontos de vista divergentes. A organização de semanas associadas a interesses temáticos individuais fez com que se perdesse a perspectiva mais geral do projeto, que tinha como marca a coletividade.

Em um exercício de autocritica e reflexão, concluiu-se que esse problema estava dificultando o desenvolvimento do História em Quarentena e que a sua cultura democrática deveria ser reforçada. Em reunião realizada no dia 19 de abril, o impasse foi abordado e enfrentado com a adoção de diversas medidas que melhoraram consideravelmente o andamento do projeto. Em primeiro lugar, estabeleceu-se a regra de

que tudo deveria ser decidido após deliberação, para evitar individualismos irrefletidos. Da mesma forma, os coordenadores deveriam se revezar na escolha das temáticas das semanas e seriam os responsáveis pela organização. Assim, cada um teve a oportunidade de propor e realizar semanas de acordo com os seus interesses, mas em diálogo com o restante dos colegas. Esse sistema também serviu para aliviar a carga de trabalho que era distribuída a partir da iniciativa pessoal de cada um, e que acabou injustamente sendo sustentada por aqueles mais proativos.

Um dos eixos de discussão continua no História em Quarentena foi priorizar a paridade de gêneros, a representatividade étnico-racial e a pluralidade de especialistas, tanto do meio acadêmico quanto não acadêmico. Além disso, sempre se buscou um equilíbrio na participação de brasileiros e estrangeiros. O projeto pretendia não apenas conectar pessoas que estivessem vivendo a contingência do afastamento social, estimulando o sentimento de coletividade, mas essa coletividade deveria ser plural e inclusiva.

Ressalte-se também que, uma vez que a coordenação encontrou um equilíbrio operacional, o projeto funcionou de modo mais orgânico. O aumento da confiança mútua, o estabelecimento de um formato de produção padronizado, mas flexível, a sistematização funcional do fluxo de trabalho e o uso eficaz dos canais de comunicação levaram o projeto a esse "ponto ideal" de sucesso.

Nesse momento, a coordenação decidiu incorporar uma nova pessoa para poder diminuir a carga de trabalho. Mariana Muñoz foi escolhida porque era a única que tem como área de especialização a história moderna, ao contrário de todos os outros que trabalham com temas contemporâneos. Com a sua incorporação, gerou-se novamente uma situação conflituosa, pois a coordenação esperava agregar uma nova pessoa capaz de lidar com o fluxo de trabalho e entrar rapidamente na dinâmica de comunicação já estabelecida. Incluir um novo integrante em um sistema já consolidado e com funções de

<sup>16</sup> SPOTIFY: História em Quarentena. [Locução de]: Natália Guerellus. [S. l.]: *Conversa de boteco*, 19 mar. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/782ex2abhAGfvFXy1REtKU>. Acesso em: 3 ago. 2020.



trabalho bem definidas tornou sua inserção algo complexa. A dificuldade provavelmente residiu no fato dos demais coordenadores não terem preparado a nova colega de forma gradual para a atividades que deveria exercer. Essa situação incômoda foi resolvida com diálogo.

A questão da representatividade foi uma das mais complicadas, tanto na hora de discuti-la quanto para colocá-la em prática. Desse modo, devemos levar em conta a dificuldade de manter a paridade em um sistema já falho, tanto em nível acadêmico como social. A representatividade feminina, negra ou LGBTQ+ tende a ser menor em um sistema dominado por homens brancos (COOPER, 2001; MURRAY, 2018). Por sua vez, as próprias mulheres sofreram especialmente com o confinamento, pois, em geral, tiveram um aumento exponencial das tarefas domésticas que o sistema patriarcal lhes impõe.<sup>17</sup> Por fim, para muitas populações em risco de exclusão social, pobreza e marginalização, como indígenas,<sup>18</sup> quilombolas, sem-terra ou favelados, é difícil obter acesso à tecnologia ou à mídia. A pandemia prejudicou ainda mais famílias e comunidades em situação de desemprego, fome, falta de espaço etc.<sup>19</sup> Nesse sentido, tivemos muita dificuldade de incluir no projeto representantes desses grupos.

Apesar desses obstáculos, o História em Quarentena conseguiu obter considerável representatividade. Esse fator estimulou os coordenadores do projeto a refletirem sobre como esses problemas estruturais e sistêmicos se replicam, normalizando a desigualdade nos espaços de divulgação. Essa problemática fez com que esses espaços fossem ocupados por outros estudiosos que, apesar de serem especialistas nos

temas em debate, não podem ser considerados representantes desses setores historicamente subalternizados da sociedade.<sup>20</sup>

Por fim, uma das questões que mais condicionou o projeto foi o acesso à tecnologia. Nesse sentido, há duas dimensões a serem levadas em conta, primeiro o acesso à própria tecnologia, uma vez que muitos convidados não dispunham de dispositivos com capacidade suficiente para oferecer uma boa qualidade audiovisual. A essas limitações técnicas de acesso a ferramentas tecnológicas suficientemente operacionais, juntaram-se outras dificuldades de infraestrutura, como a má conexão e até problemas na rede elétrica. Além disso, a falta de conhecimento tecnológico de alguns participantes dificultou a realização de determinadas sessões, tanto ao vivo quanto em debates gravados.

### Canais de divulgação

O História em Quarentena procurou explorar o poder de divulgação das mídias sociais. Esses canais são ferramentas relativamente simples e possuem a capacidade não só de gerar conteúdos que os espectadores possam comentar, curtir e contribuir com a difusão por meio de compartilhamentos, mas também de dialogar em tempo real por meio de transmissões ao vivo. O projeto privilegiou o *Facebook* como rede social, pois, além de possuir um alcance bastante amplo, foi o que se adaptou melhor às necessidades e aos interesses do projeto. Ainda assim, posteriormente, foram realizadas campanhas de divulgação no Instagram e no Twitter com o objetivo de atingir o maior número possível de pessoas.

<sup>17</sup> *How the pandemic is negatively impacting women more than men, and what has to change*. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/kathycapriano/2020/07/13/how-the-pandemic-is-negatively-impacting-women-more-than-men-and-what-has-to-change/#1773af38554b>. Acesso em: 25 jul. 2020.

<sup>18</sup> DANTAS, Carolina. Brasil tem 10,3 mil casos confirmados de coronavírus entre indígenas, dizem entidades. *G1*, Rio de Janeiro, 2 jul. 2020. Bem estar. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/02/brasil-tem-mais-de-103-mil-casos-confirmados-de-coronavirus-entre-indigenas-dizem-entidades.ghtml>. Acesso em: 27 de ago. 2020.

<sup>19</sup> ROSSI, Marina. Nove milhões de brasileiros deixaram de comer por falta de dinheiro durante a pandemia. *El País*, São Paulo, 25 ago. 2020. Pandemia de Coronavírus. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-25/nove-milhoes-de-brasileiros-deixaram-de-comer-por-falta-de-dinheiro-durante-a-pandemia.html>. Acesso em: 27 ago. 2020. RODRIGUES, Paulo; BERTOLOTTI, Rodrigo. Água e sabão. Métodos de prevenção contra o coronavírus são luxo para milhões de pessoas afetadas pela desigualdade no Brasil. *UOL*, São Paulo, 14 mar. 2020. Ecoa. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/coronavirus-desigualdade-do-brasil-pode-piorar-a-situacao-da-pandemia/index.htm>. Acesso em: 27 ago. 2020.

<sup>20</sup> Para explorar problemáticas relacionadas à representatividade na política e o mundo acadêmico de grupos historicamente subalternizados e racializados, consultar Ribeiro (2019), quem também participou em um debate de HQ no 27 de abril 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZF6yhWpeval&t=1222s>. Acesso em 30 ago. 2020.

As transmissões ao vivo, realizadas às segundas, terças e quartas-feiras, foram configuradas através de uma fala individual, preparada pelo convidado, relativa a um tema que estava relacionado à proposta geral da semana. A apresentação durava em média de 20 a 40 minutos e era seguida por uma sessão de perguntas, na qual o palestrante podia interagir com o público. Esse formato normalmente durava, no total, entre 60 e 90 minutos.

Os debates, gravados com antecedência, tiveram um formato diferente das transmissões ao vivo. A cada semana, três especialistas e um moderador debateram o tema principal da semana, com uma duração média semelhante à das emissões. Esses debates foram transmitidos pelo Facebook. Além disso, o material foi armazenado em um canal do YouTube<sup>21</sup> para que o público pudesse acessá-lo em qualquer momento. A ideia era democratizar a participação das pessoas. Por esse motivo, procurou-se não depender de softwares que limitassem o acesso ou exigissem algum tipo de registro prévio.<sup>22</sup>

A estrutura original em que prevaleciam as transmissões ao vivo estava sofrendo um forte desgaste diante da versatilidade e da riqueza oferecidas pelos debates pré-gravados via Skype.<sup>23</sup> A tal ponto que, nas últimas semanas do projeto, as sessões ao vivo começaram a ser cada vez mais esporádicas. Isso se justificou pela facilidade de haver um maior número de especialistas por sessão nos debates, o que ampliou a presença de convidados.

A proposta inicial do História em Quarentena era que a sua duração acompanhasse o tempo em que o isolamento social continuasse a ser indicado pela Organização Mundial de Saúde

como a forma mais eficaz de proteção contra a contaminação pela COVID-19. No entanto, diante da conjuntura brasileira, marcada pela ausência de políticas de saúde pública, passou a ser impossível vislumbrar o momento em que a crise sanitária chegaria ao fim.<sup>24</sup> Esse fator fez com que os coordenadores do projeto chegassem à conclusão de que deveriam programar o encerramento do projeto independentemente da duração da pandemia. Com essa definição, começou um processo de organização do material audiovisual resultante do projeto para que fosse formado um acervo digital que ficaria disponível para o público de modo gratuito por meio do *site* História em Quarentena. Do mesmo modo, todos os programas divulgados ao longo das 20 semanas do projeto, após um trabalho de edição de som, foram transformados em episódio de *podcast* e ficarão disponíveis para o acesso do público.<sup>25</sup>

## Considerações finais

existe hoje uma potência muito grande no Brasil, em termos de pressão política [...] uma potência que vai para além, que fala de autoritarismo e da importância da história.<sup>26</sup>

O História em Quarentena teve uma linha de trabalho claramente definida por uma série de temas que pretendiam ser uma resposta ao momento histórico que o Brasil vive. Das 20 semanas do projeto, sete delas estiveram diretamente relacionadas com o autoritarismo e o passado ditatorial do Brasil.<sup>27</sup> Outras cinco semanas foram dedicadas a temas que se aproximavam dessas mesmas problemáticas, tais como arte e liber-

<sup>21</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCGyCNDc\\_HB7vPLlwDGt4Sw](https://www.youtube.com/channel/UCGyCNDc_HB7vPLlwDGt4Sw). Acesso em: 27 ago. 2020.

<sup>22</sup> Como o caso do Zoom, a empresa tem ganhado mais de \$30 milhões graças à crise sanitária mundial. Zoom booms as teleconferencing company profits from coronavirus crisis, *The Guardian*, Londres, 3 jun. 2020, Technology. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2020/jun/03/zoom-booms-as-teleconferencing-company-profits-from-coronavirus-crisis>. Acesso em: 22 jul. 2020.

<sup>23</sup> Posteriormente, outras ferramentas seriam utilizadas, como o Google Meets.

<sup>24</sup> GALINDO, Jorge. Las cuarentenas infinitas de América Latina. *El País*, Buenos Aires, 25 ago. 2020, La crisis del coronavirus. Disponível em <https://elpais.com/sociedad/2020-08-25/las-cuarentenas-infinitas-de-america-latina.html>. Acesso em: 27 ago. 2020.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2GRZZyqlv96xy2OetT6W9v>. Acesso em 25 ago. 2020.

<sup>26</sup> YOUTUBE: História em Quarentena. [Locução de]: Natália Guerellus. IS. I. *E a pandemia não acabou*: encerramento do projeto História em Quarentena, 8 ago. 2020. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M5C3FsCvxH4&t=10s>. Acesso em: 25 ago. 2020.

<sup>27</sup> *Violência de Estado e autoritarismo*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana2>. Acesso em 25 ago. 2020; *Democracia liberal e práticas repressivas: um contrassenso?* Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana8>. Acesso em 25 ago. 2020; *Arte, política e autoritarismo em tempos pandemônicos - Parte I*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana14>. Acesso em 25 ago. 2020; *Arte, política e autoritarismo em tempos pandemônicos - Parte II*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana15>. Acesso em 25 ago. 2020; *Mitos da ditadura: usos políticos do passado - Parte I*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana18>. Acesso em 25 ago. 2020; *Mitos da ditadura: usos políticos do passado - Parte II*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana19>. Acesso em 25 ago. 2020.

dade de expressão,<sup>28</sup> *fake news*,<sup>29</sup> questões comportamentais pensadas a partir da perspectiva da moral,<sup>30</sup> as formas como o Brasil é percebido pelos demais países da América Latina,<sup>31</sup> bem como morte, luto e trauma.<sup>32</sup> Essas temáticas evidenciam que, inicialmente, a pandemia não ocupava a centralidade nas preocupações da intelectualidade e dos ativistas políticos brasileiros. A degradação do regime democrático e o paulatino crescimento de práticas governamentais de cunho autoritário conquistavam com grande velocidade os debates públicos do país.

No decorrer do projeto, buscou-se incluir a discussão de problemáticas que, embora estejam presentes no cotidiano brasileiro atual, possuem fortes raízes históricas, tais como as questões de gênero,<sup>33</sup> o racismo,<sup>34</sup> os ataques aos povos indígenas<sup>35</sup> e a crescente destruição do meio ambiente.<sup>36</sup> De todo modo, a crise provocada pela covid-19, tratada no História em Quarentena de modo específico apenas na primeira semana,<sup>37</sup> foi um tema que esteve presente de modo transversal ao longo de toda duração do projeto.

Nesse sentido, a ideia de crise, em sentido amplo, foi norteadora do História em Quarentena. Assim, o projeto foi encerrado com uma inquietação que certamente pauta o cotidiano brasileiro: como lidar com uma crise que parece não ter fim?<sup>38</sup>

Esse sentimento comum certamente se refletiu na disponibilidade dos convidados para participar do História em Quarentena. Foram raras as recusas recebidas pelos coordenadores do projeto, tanto por parte de convidados brasileiros quanto de estrangeiros. Assim, ao longo de 20 semanas, a programação contou com 205 participantes divididos em um total de 104 emissões, das quais 45 foram transmitidas ao vivo, 51 foram

debates gravados e 8 foram entrevistas. Quando foi encerrado, as redes sociais do História em Quarentena cerca de 16 mil pessoas que curtiam a página do *Facebook*, 2.300 que seguiam o perfil do *Instagram*, 638 no *Twitter* e 1.390 inscritos no canal do *YouTube*.

Então o História em Quarentena foi um sucesso?

Essa questão parece ser essencial para entender o escopo de um projeto de história pública na era do *Big Data*<sup>39</sup>. Se analisarmos os dados brutos: a amplitude da audiência e o número de visualizações e interações são bastante modestos, especialmente quando colocados em perspectiva com um público-alvo potencial. A capacidade de mobilização é certamente limitada e o impacto quantitativo pode ser considerado deficiente.

É verdade que o História em Quarentena tentou a vivenciar uma diminuição na sua capacidade de impacto em suas transmissões à medida que o projeto avançava. De certa forma, isso pode ser explicado, considerando o público atingido, pela diminuição da curiosidade de entender a conjuntura brasileira em perspectiva histórica, já que a duração da pandemia foi se alongando de um modo que não se podia imaginar. Concomitantemente, ainda que crise sanitária tenha continuado a se agravar, uma parcela significativa da sociedade brasileira começou a ser convocada a voltar ao trabalho presencial. Além disso, é necessário considerar que a maior parte da população foi obrigada a manter seu cotidiano habitual para garantir seus meios de subsistência.

Ao mesmo tempo, apesar de o História em Quarentena ter sido uma proposta inédita no início do confinamento, não demorou para que diversos outros projetos comesçassem a surgir. A internet passou a ser inundada por programas de

<sup>28</sup> *História – Arte e cultura*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana3>. Acesso em 25 ago. 2020.

<sup>29</sup> *As Fake News na história*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana6>. Acesso em 25 ago. 2020.

<sup>30</sup> *Para além da moral e dos bons costumes*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana4>. Acesso em 25 ago. 2020.

<sup>31</sup> *O Brasil na América Latina*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana12>. Acesso em 25 ago. 2020.

<sup>32</sup> *Morte, luto e trauma*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana13>. Acesso em 25 ago. 2020.

<sup>33</sup> *Quem tem medo dos feminismos e dos estudos de gênero?* Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana11>. Acesso em 30 ago. 2020.

<sup>34</sup> *Questões raciais – ontem e hoje*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana5>. Acesso em 2 set. 2020.

<sup>35</sup> *Os indígenas na história do Brasil*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana7>. Acesso em 2 set. 2020.

<sup>36</sup> *Questões ambientais e antropoceno*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana16>. Acesso em 2 set. 2020.

<sup>37</sup> *História das doenças, epidemias e pandemias*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana1>. Acesso em 2 set. 2020.

<sup>38</sup> *E a pandemia não acabou*. Disponível em: <https://www.historiaemquarentena.com/semana20>. Acesso em 2 set. 2020.

<sup>39</sup> Considerada por muitos como a era da revolução dos dados, em que os dados são o novo "petróleo" (KITCHIN, 2014), mas em que seu uso sem direção ou reflexão se apresenta como uma situação de amoralidade perigosa.

divulgação histórica nos mais variados formatos e níveis de qualidade.<sup>40</sup>

A noção de sucesso gerou um debate importante no História em Quarentena, pois a flutuação dos números, que foi progredindo à medida que o projeto teve uma trajetória descendente, era preocupante a ponto de se tornar um auto-questionamento constante. As reflexões acerca dessas temáticas fizeram com que o História em Quarentena atingisse sua maturidade, quando se percebeu que o projeto não poderia ficar refém da lógica de competição do ambiente das redes sociais. Nesse sentido, é possível que o História em Quarentena, assumindo certo fracasso em sua proposta inicial,<sup>41</sup> tenha alcançado serenidade suficiente para ter sucesso da forma como acabou sendo: um acervo riquíssimo de grande qualidade que permanecerá acessível para que se analise em qualquer tempo o Brasil pandêmico.

## Referências

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra & Voz, 2011.

ARROYO, Lorena *et al.* O desafio econômico de sobreviver à pandemia na América Latina. *El País*, São Paulo, 18 ago 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2020-08-18/o-desafio-economico-de-sobreviver-a-pandemia-na-america-latina.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BERTONI, Estevão. A resposta do Brasil à pandemia em comparação a outros países. *Nexo Jornal*, São Paulo, 17 ago 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/08/17/A-resposta-do-Brasil-a-pandemia-em-comparacao-a-outros-paises>. Acesso em: 17 ago. 2020.

CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. *Antíteses*, Londrina, v. 2, n. 4, p. 1097-1123, jul./dez. 2009.

CAMPANTE, Rubens Goyatã. *Patrimonialismo no Brasil: corrupção e desigualdade*. Curitiba: CRV, 2019.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Bolsonaro sanciona Lei que regulamenta a profissão de historiador (Notícia). In: *Café História*. 18 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/entra-em-vigor-a-regulamentacao-da-profissao-de-historiador/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e Redes Sociais na Internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Revista Transversos*, v. 7, n. 7, p. 35-53, 2016. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/25602>. Acesso em: 11 ago. 2020.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (org.). *História pública e divulgação de história*. São Paulo: Letra & Voz, 2019. p. 9-21.

COOPER, Christine. From women's liberation to feminism: reflections in accounting academia. *Accounting Forum*, London, p. 214-245, 2001.

ESTEBAN, Felipe Pulido; CALERO, María Luisa Sánchez. Facebook Live: un nuevo canal para la entrevista. In: GONZÁLEZ ALBA, José Antonio (ed.). *Tendencias e innovación en la empresa periodística*. Sevilla: Egregius, 2017. p. 88-102.

FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989)*. Elementos para uma avaliação historiográfica. Ouro Preto: UFOP, 1992. v. 2.

HAIMSON, Oliver L.; TANG, John C. What makes live events engaging on Facebook Live, Periscope, and Snapchat. In: MARK, Gloria. *CHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS, 2017. Proceedings* [...]. New York: Association for Computing Machinery, 2017. p. 48-60.

HAMILTON, William A.; GARRETSON, Oliver; KERNE, Android. Streaming on twitch: fostering participatory communities of play within live mixed media. In: JONES, Matt. *Proceedings of the SIGCHI conference on human factors in computing systems*. New York: Association for Computing Machinery, 2014. p. 1315-1324.

HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. *El País*, São Paulo, 22 mar 2020. Pandemia de coronavírus. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em: 29 set 2020.

HARTOG, François; REVEL, Jacques (eds.). *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 2001.

JOHNSON, Pamela T.; THOMAS, Rachel Black; FISHMAN, Elliot K. Facebook Live: a free real-time interactive information platform. *Journal of the American College of Radiology*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 201-204, 2018.

KEATING, Joshua. Covid-19 is the first truly global event. *The Slate*, [S. l.], 5 maio 2020. Disponível em: <https://slate.com/news-and-politics/2020/05/covid-19-global-event-pandemic.html>. Acesso em: 15 ago 2020.

<sup>40</sup> AGRELA, Lucas; CURY, Maria Eduarda; VITORIO, Tamires, Na quarentena, o mundo virou uma live, *Revista Exame*, São Paulo, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/o-mundo-e-uma-live>. Acesso em: 11 ago. 2020.

<sup>41</sup> O fracasso está em quase toda parte e faz parte da vida diária das sociedades e dos indivíduos. A noção de fracasso está intimamente ligada às nossas próprias expectativas e padrões que abrangem uma ampla gama de questões, por exemplo: interesses políticos, noções culturais ou desejos individuais (VILLENNA, 1997). Mas o mais interessante sobre o fracasso é que ele também está sujeito a reversibilidade. Pressupor o fracasso diante de objetivos ou ideais pré-estabelecidos pode melhorar as oportunidades de abandonar a infraestrutura regular dos sistemas, aumentando assim a liberdade de ação. O que é possivelmente o que aconteceu com o História em Quarentena ao longo de sua existência.

KITCHIN, Rob. *The data revolution: Big data, open data, data infrastructures and their consequences*. Newbury Park: Sage, 2014.

LUCCHESI, Anita; SILVEIRA, Pedro Telles da; NICODEMO, Thiago Lima. Nunca fomos tão úteis. *Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 161-169, maio/ago. 2020.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, [S. l.], v. 37, n. 74, p. 135-154, 2017.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

MURRAY, Órla Meadhbh. Feel the fear and killjoy anyway: Being a challenging feminist presence in precarious academia. In: TAYLOR, Yvette; LAHAD, Kinneret (ed.). *Feeling academic in the Neoliberal University*. London: Palgrave Macmillan, 2018. p. 163-189.

PIANTÁ, Lucas; TERRES, Pedro. Digital history influencers: os limites entre a comunicação digital e a história pública. In: *História da ditadura*, Rio de Janeiro, 9 jun. 2020. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/hiperlink-conex%C3%B5es-hist%C3%B3rias-digitais-digital-history-influencers-os-limites-entre-a-comunica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 2 set. 2020.

RAMAN, Aravindh; TYSON, Gareth; SASTRY, Nishanth. Facebook (A) Live? Are Live Social Broadcasts Really Broad casts? In: *WORLD WIDE WEB CONFERENCE*, 2018. *Proceedings* [..]. 2018. p. 1491-1500.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286-309, 2018.

SCHITTINO, Renata. O conceito de público e o compartilhamento da história. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra & Voz, 2016. p. 37-46.

SHEFFIELD, Rebecka Taves. Facebook Live as a record-making technology. *Archivaria*, v. 85, p. 96-121, 2018.

SILVEIRA, Pedro Telles da. O historiador com CNPJ: depressão, mercado de trabalho e história pública. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 30, p. 2-28, 2020.

VILLENA, Luis Antonio de. *Biografía del fracaso: perseverancia y validez de un mito contemporáneo*. Barcelona: Planeta, 1997.

ŽIŽEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.

## Paulo César Gomes

Doutor em História Social pela Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, Brasil.

## Endereço para correspondência

Paulo César Gomes

Universidade Federal Fluminense

Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n

São Domingos, 24210-201

Niterói, RJ, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*

---

## Carlos Benitez Trinidad

Doutor em Difusão do Conhecimento e História de América pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, BA, Brasil; e pela Universidad Pablo de Olavide, (UPO), em Sevilla, Andalucía, Espanha; pós-doutorado pela Universidad de Santiago de Compostela (USC), em Santiago de Compostela, Galicia, Espanha.